

HERANÇAS DE HISTÓRIAS? A POSSE DE LIVROS NOS INVENTÁRIOS *POST MORTEM* DE CASTRO ENTRE 1800 E 1870

Luciana Cristina Pinto
Mestranda UFPR

Orientador:
Prof. Dr. Antônio Cesar de Almeida Santos
Universidade Federal do Paraná

Resumo

Nossa fonte principal de estudo são as informações que trazem os inventários *post mortem* e testamentos anexados em parte deles, redigidos na cidade de Castro (PR), entre 1800 e 1870. A investigação dos documentos fornecerá o objeto mais específico dentro da nossa proposta, que são os registros dos livros neles inventariados, possibilitando uma pesquisa na área da História Cultural. A análise da documentação seguirá o seguinte procedimento: (a) Apreender as características da cidade de Castro no século XIX, para situar a sociedade em estudo; (b) Identificar os possíveis proprietários de livros no período e região considerados; (c) Traçar um perfil destes proprietários, considerando o universo sociocultural no qual estavam inseridos; (d) Apreender qual era, afinal, a posição ocupada por este objeto (o livro) no interior da sociedade de Castro (e brasileira).

É necessário compreender as fontes em seu contexto; mas antes, devemos compor um quadro geral de informações sobre o que significava possuir livros no século XIX num contexto mais amplo.

Como esta pesquisa está em andamento, o percurso da dissertação organiza-se da seguinte forma: Objetivo: compreender os hábitos culturais da sociedade de Castro no século XIX, a partir de

informações contidas em inventários *post mortem*, especificamente aqueles que apresentam livros como bens arrolados. Problemática: apreender o que a posse destes objetos (livros) significava no interior daquela sociedade. Metodologia: com referência ao italiano Carlo Ginzburg¹, considerar a possibilidade de utilização de um método indiciário; a partir dos nomes próprios indicados nos inventários, coletar pistas da presença dos envolvidos no tecido social da cidade de Castro (em outros documentos além dos inventários) para saber quem eram aqueles possuidores de livros. Em relação ao objeto livro, entendemos que, ao determinar a posição social dos seus possuidores, será possível inferir sobre seu valor para aquela sociedade.

Palavras-chave: Paraná; regiões; manuscritos; posse de livros.

Introdução

A história da leitura vem sendo estudada por muitos pesquisadores em todo o mundo, com vários enfoques analisados; mas a maioria destes investigadores segue um objetivo comum, de capturar, metaforicamente falando, os leitores do passado. Assim, a proposta deste projeto de pesquisa é também investigar o livro e o leitor no passado, a partir dos registros de livros avaliados em inventários *post mortem* do século XIX, arquivados no Fórum da Comarca de Castro (PR), e que constituem nossa principal fonte e objeto de estudo. Há que considerarmos, em nossa busca, as diferenças dos hábitos culturais e mesmo sociais que envolviam a leitura em tal contexto. O historiador Roger Chartier chama nossa

¹ GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **Micro-História e outros Ensaio**s. Lisboa: Difel, 1989.

atenção para uma história da leitura que nos escapa no tempo e no espaço, uma leitura que era diferente da nossa.

Uma história da leitura não deve, pois, limitar-se à genealogia única da nossa maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos. Ela tem, também e sobretudo, a tarefa de encontrar os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. Essa iniciativa é muito importante, pois revela, além da distante estranheza de práticas antigamente comuns, estruturas específicas de textos compostos para usos que não são mais os mesmos dos leitores de hoje.²

Outro trabalho importante que abordou o tema da leitura é o artigo *Diferentes formas de ler* de Márcia Abreu:

No século XVIII e início do XIX, o conceito de leitura parece confundir-se com a fala e a audição, podendo prescindir da habilidade de decifração dos sinais gráficos de que se compõe a escrita. Se entre intelectuais o processo de ouvir ler fazia parte das formas de sociabilidade, parecendo coisa comum, qual não seria o poder de divulgação dos escritos entre os não letrados? Por meio da leitura oral, iletrados também poderiam entrar em contato com conteúdos registrados por escrito (...) durante a primeira metade do

² CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 17.

*século XIX a leitura oral era uma das formas de mobilização cultural e política dos meios urbanos e dos operários.*³

A partir das informações de Chartier e Abreu, começamos a “reconstituir” um cenário de história da leitura no século XIX, pois precisamos, de certa maneira, adentrar nesse contexto cultural, para investigar os possuidores de livros que moravam em Castro (PR) entre 1800 e 1870. Sabemos que, durante esse período, a leitura oral de textos, comum às pessoas bem instruídas, funcionava como espaço de sociabilidade e, aos menos instruídos, como acesso à informação contida nos textos.⁴

Torna-se necessário compreendermos parte da longa trajetória da leitura, que sofre transformações desde a forma dos livros, o suporte da leitura e conseqüentemente, nas maneiras de ler:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores

³ ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler.** Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 11 jan. 2008. Nota nº 1 do texto: “Originalmente apresentado na Mesa-redonda *Práticas de Leituras: história e modalidades*, no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001.”

⁴ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 16, 17.

*dividem a longa história das maneiras de ler.*⁵

Buscamos, portanto, uma visão mais clara do universo dos envolvidos nos inventários *post mortem*, universo esse que traz uma prática de leitura específica, gestos sócio-culturais específicos; investigar os gestos esquecidos⁶, eis a tarefa do historiador, como alertou Chartier.

Falando mais especificamente dos nossos inventários, eles estão em bom estado de conservação, o que facilita seu manuseio. Mas torna-se importante explicar que alguns fragmentos desses inventários foram transcritos por pessoas do Museu do Tropeiro em Castro; estas transcrições apresentam o cabeçalho, os envolvidos e a avaliação dos bens. Tal esforço segue no sentido de disponibilizar ao pesquisador as informações sobre os inventários, facilitando, de certa forma, o acesso e a leitura dos mesmos; pois não existe uma sala para pesquisa no Fórum, e a caligrafia dos documentos exige tempo, por parte do pesquisador, para lê-los.

Nosso objetivo é trabalhar diretamente com as fontes primárias, mas as transcrições nos auxiliaram num primeiro momento, pois nos informaram os livros que foram avaliados em certos inventários. Para sermos mais exatos, a equipe do Museu realizou o levantamento de inventários entre 1800 e 1870, período em que delimitamos, por uma questão metodológica, nosso recorte temporal.

A partir desses dados, nossa pesquisa torna-se possível, porque juntamente com as fontes, a bibliografia levantada e o

⁵ CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 77.

⁶ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros...** p. 17.

contato com o Museu do Tropeiro, que conserva boa parte da história local e de seus habitantes no século XIX, encontraremos pistas dos proprietários de livros na região de Castro, e poderemos compreender melhor os hábitos culturais da sociedade de Castro naquele período, e mais especificamente, a posse/presença de livros que são testemunhadas nos inventários *post mortem*.

Metodologia

A opção metodológica por estudarmos, o período que segue entre 1800 e 1870, apóia-se em dois momentos: primeiro na informação que tivemos no Museu do Tropeiro em Castro, de que livros foram avaliados em inventários neste período. Depois recebemos uma lista com fragmentos de inventários já transcritos, que apresentavam livros como herança.

Em segundo lugar, para ter acesso aos documentos originais foi necessário pedir autorização ao Juiz de Direito da Vara Cível da Comarca de Castro: José Eduardo de Mello Leitão Salmon, que em janeiro de 2008 aceitou nosso pedido. No ofício redigido ao senhor Juiz precisávamos especificar que período iríamos investigar, e assim delimitamos o recorte já levantado pelo Museu (1800 – 1870).

Nossa pesquisa concentra-se em um determinado período da história do Brasil, em que a historiografia registrou muitos acontecimentos. Obviamente seria impossível relatar todos esses acontecimentos, mas é de suma importância para a compreensão do leitor discutirmos, de maneira breve, o contexto do final do século XVIII e início do XIX, para situarmos no tempo e no espaço nosso objeto de pesquisa. No Brasil do período analisado:

Alguns fatos significativos balisaram as transformações do mundo ocidental, a

*partir de meados do século XVIII. Em 1776, as colônias inglesas da América do Norte proclamaram sua independência. A partir de 1789, a Revolução Francesa pôs fim ao Antigo Regime na França, o que repercutiu em toda a Europa, inclusive pela força das armas. (...) O mundo colonial é afetado também por outro fator importante: a tendência a limitar ou a extinguir a escravidão, manifestada pelas maiores potências da época, ou seja, a Inglaterra e a França. É comum ligar-se essa tendência ao interesse britânico em ampliar mercados consumidores, a partir da vantagem obtida sobre os concorrentes com a Revolução Industrial.*⁷

Com relação ao estado do Paraná, é preciso inseri-lo num debate mais amplo com a história do Brasil, porque sabemos *a priori* que não existe uma história do Paraná “desligada” de uma história do Brasil. O contexto vivido nos Campos Gerais de fins do século XVIII e início do XIX é reflexo do que estava acontecendo no mundo:

Todo e qualquer viajante, comerciante ou aventureiro que se dirigisse por terra de São Paulo para o extremo sul do país, nos finais do século XVIII e nos inícios do século XIX, deveria atravessar as terras da Comarca de Castro, alcançando o bairro de Ponta Grossa, que se constituía, à

⁷ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 108.

*época, num local obrigatório de passagem, ligada que estava ao Caminho do Viamão.*⁸

Segundo as autoras, “desde o século XVIII, 1730, o Caminho do Viamão cumpre a finalidade de ligar São Paulo ao extremo Sul”⁹. Wachowicz complementa os argumentos das autoras acima:

*No início do século XIX, esta sociedade campeira que nasceu paulista, transformou-se em paranaense e recebeu forte influência riograndense. Nesta época, já estava integrada social, política e economicamente aos núcleos que formariam o Paraná. Apesar dessa integração, as populações não latifundiárias dos Campos Gerais eram relativamente pobres. Em 1820, as casas de Castro eram de pau a pique. Na Lapa, as primeiras casas de alvenaria surgiram em 1824. Mas em 1844, algumas casas de Palmeira, Ponta Grossa e Castro já eram de pedra e cal.*¹⁰

Acreditamos, entretanto, que uma pesquisa sobre a posse de livros abrangendo o período entre 1800 e 1870, com documentos ainda não utilizados para pesquisa historiográfica, e com uma base teórico-metodológica nos auxiliando, trazendo

⁸ PINTO, Elizabete Alves; GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. **Ponta Grossa – um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas Ltda., 1983. p. 17.

⁹ Idem. p. 17.

¹⁰ WACHOWICZ, Ruy Christowam. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1995. p. 79.

para discussão as informações que guardam aqueles manuscritos raros que se encontram em Castro, poderá contribuir para o debate sobre a história do livro no Brasil.

Sabemos perfeitamente que muito antes de serem proprietários de livros nos documentos de Castro, aqueles homens tinham sua vida pessoal, social e profissional; que viviam no estado do Paraná, num Brasil do século XIX. O que propomos, nesse aspecto, é investigar esse cotidiano de outrora, que nos dará subsídios para compreender as práticas de leitura do nosso Estado, estudar os envolvidos nos inventários e, principalmente, divulgar nossa fonte de pesquisa. Convém explicar que esses inventários são inéditos para a pesquisa historiográfica; eles foram manuseados apenas pelo pessoal que organizou/catalogou os mesmos.

No período de nosso recorte temporal (1800 até 1870) foram levantados pelo Museu do Tropeiro aproximadamente 800 inventários *post mortem*, dentre os quais 11 apresentam livros como herança, como mostra a tabela abaixo:

PERÍODO	Nº DE INVENTÁRIOS DE LIVROS	ANO
1800 - 1810	3 Inventários	1806, 1809, 1810
1811 - 1820	1 Inventário	1811
1821 - 1830	1 Inventário	1829
1831 - 1840	2 Inventários	1832, 1836
1841 - 1850	1 Inventário	1841
1851 - 1860	1 Inventário	1856
1861 - 1870	2 Inventários	1864, 1866

Parece pouco, mas considerando o período (Brasil-colônia/Império) e as condições sociais locais como descritas

por Wachowicz, temos 11 documentos (de um total de cerca de 800) de uma comarca nos Campos Gerais no século XIX que apresentam livros no arrolamento dos bens. O fato da documentação chegar até nós de forma intacta e recheada de informações, de pistas sobre a população da cidade Castro, já nos parece bastante positivo; assim, estes onze inventários representam, de certa maneira, a circulação de livros e seu papel como legado para as gerações futuras, ou seja, os herdeiros envolvidos nos autos de inventários.

Além disso, não podemos negar o frenesi que nos provocam aqueles manuscritos; alguns deles foram escritos há mais de duzentos anos por homens em seu contexto específico. Quem eram esses homens? Como se relacionavam? Quem possuía livros? As perguntas são muitas e a inquietação maior ainda, pois nunca saberemos ao certo as respostas.

Contudo, no que concerne ao método desta pesquisa, com referência ao italiano Carlo Ginzburg¹¹, considerar a possibilidade de utilização de um método indiciário; a partir dos nomes próprios indicados nos inventários, coletar pistas da presença dos envolvidos no tecido social da cidade de Castro, (em outros documentos além dos inventários) para saber quem eram aqueles possuidores de livros. Em relação ao objeto livro, entendemos que, ao determinar a posição social dos seus possuidores, será possível inferir sobre seu valor para aquela sociedade.

Joaquim Teixeira Cardoso Pimentel e Pedro de Tal, francês

Com uma leitura prévia do inventário de Joaquim Teixeira Cardoso Pimentel, datado de 1866, “vemos” um

¹¹ GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **Micro-História e outros Ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

homem de muitas posses, com um armazém de secos e molhados, escravos, terras, e a interessante relação de livros, que apresenta: 1 livro de Lei das Terras, avaliado em 4\$000, 1 livro da Guarda Nacional, avaliado em 2\$000, e 1 livro Advogado do Povo, avaliado em 3\$000.

A proposta deste subitem é comparar, observando no arrolamento de bens, os extremos sociais presentes na documentação, ou seja, a vida abastada de Joaquim Pimentel com a vida humilde de “Pedro de Tal, francês” (inventário de 1856). Não aparece o sobrenome desse indivíduo que possuía, dentre poucas coisas, 2 dicionários em francês avaliados em 2#000, 5 livros dominicanos avaliados em 4#000, 2 livros de metalógica avaliados em 3#000 e 2 manuais avaliados em 1#000; teve seus bens leiloados, por não haver herdeiros.

Livros, símbolo de...

Retomando certos aspectos já apresentados anteriormente, pretendemos refletir/discutir hipóteses sobre a problemática analisada, ou seja, tentar identificar o significado do livro para a sociedade de Castro naquele período. Essa análise dependerá de situarmos qual camada social predominava em tal região, a partir dos pertences arrolados nos inventários. Com isso, será importante situar no tempo e no espaço nossos proprietários, para saber em que meio circulavam os livros arrolados na documentação.

O testamento como forma de redenção

Curiosamente, no contexto da morte, muitos queriam quitar suas dívidas, nomear seus credores, seus filhos (legítimos ou não), e enfim, manifestar seus interesses em testamento. Compreendendo que todos os bens deixados pelo morto são heranças, e que podem representar certa forma de

redenção diante da morte, neste subitem discutiremos as especificidades dos inventários e testamentos que dispomos como fontes de pesquisa; afinal, são documentos diferentes, produzidos por pessoas diversas em contextos diferenciados.

Os testadores: Reverendo José Loureiro da Silva, Baltazar Luiz Rodrigues, Manoel Lopes Branco e Silva e Capitão Mor José Rodrigues Betim

Temos também como objetivo analisar os testamentos anexados a inventários (num total de onze inventários, quatro deles apresentam testamentos). Torna-se importante saber o que os testamentos dizem sobre a problemática levantada nessa pesquisa: apreender o que a posse de livros significava no interior da sociedade de Castro. Um interessante estudo sobre testamentos é a obra “A morte como testemunho de vida”, de Júnia Ferreira Furtado onde a autora ressalta a pertinência de se problematizar estes documentos.

Por uma história cultural da região

A partir da compreensão de parte dos hábitos culturais dos habitantes da região de Castro, apontaremos hipóteses sobre a problemática da pesquisa. Assim, ao conhecer mais sobre os possuidores de livros, poderemos mapear parte do universo cultural dos oitocentos, especialmente daquela região do Estado do Paraná.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler.** Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 11 jan. 2008. Nota nº 1 do texto: “Originalmente apresentado na Mesa-redonda *Práticas de*

Leituras: história e modalidades, no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001.”

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **Micro-História e outros Ensaio**s. Lisboa: Difel, 1989.

PINTO, Elizabete Alves; GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. **Ponta Grossa – um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas Ltda., 1983.

WACHOWICZ, Ruy Christowam. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1995.